

JORNADAS EUROPEIAS DA ARQUEOLOGIA

17 18 19 de junho 2022

JOURNÉES EUROPEENNES D'ARCHÉOLOGIE

17 18 19 juin 2022

Inrap⁺
Institut national
de recherches
archéologiques
préventives

journées-archeologie.fr #JEArcheo



CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

DIRECÇÃO MUNICIPAL DE CULTURA

DEPARTAMENTO DE PATRIMÓNIO CULTURAL

CENTRO DE ARQUEOLOGIA DE LISBOA

Actividade do CAL no âmbito das Jornadas Europeias de Arqueologia

Centro de Arqueologia de Lisboa, dia 18 de junho, sábado, às 11h

A Cirurgia na Pré-História.

Descrição:

Complicadas intervenções de cirurgia craniana ou manifestações de carácter ritual?

Esta é uma história que remonta há milénios, mas comprovada pela Arqueologia. Na Pré-História eram efectuadas intervenções cirúrgicas cranianas, amputações e outros tratamentos, que hoje são prática comum nos hospitais. No entanto, estas intervenções de carácter medicinal eram prática comum entre os povos que habitavam a Europa há época. A realidade era que praticavam intervenções cranianas com alto índice de sucesso, e ao mesmo tempo usavam esses ossos para fazer máscaras faciais, rodela e outros artefactos.

Há indícios de que, em alguns, ponto pode ter ocorrido provável experimentação em animais. Durante o Neolítico e o Calcolítico as os indícios no registo arqueológico e as evidências sugerem que as intervenções em crânios humanos eram recorrentes, assim como, de provável experimentação em animais.

As diferentes intervenções cirúrgicas encontram-se disseminadas por todo o Neolítico europeu registando-se a maioria de casos, a partir do Neolítico Médio alcançando a sua maior expressividade durante o Neolítico Médio/Final na região costeira do actual território nacional.

Que papel desempenhou a trepanação? Foi uma das primeiras práticas cirúrgicas ou revestia-se de carácter simbólico e religioso? Ou seria algo que conglomerava uma abordagem cirúrgica a um princípio religioso? Através de uma análise crítica dos achados em contexto arqueológico propomos um cruzamento de conceitos interdisciplinares. Será dado destaque à realidade portuguesa, como é que a mesma se

enquadra no Neolítico Europeu e de onde provém a sua génese. Através de uma análise crítica dos achados em contexto arqueológico propomos um cruzamento de conceitos interdisciplinares. Como refere Beyneix, “ [...] *pode-se considerar que uma forma precoce de medicina ou pelo menos um saber médico algo desenvolvido durante o neolítico*” (Beyneix, 2015, p. 59). Segundo os exemplos fornecidos pela etnografia a figura do *xaman* seria tanto masculino como feminino a desempenhar o procedimento. É de admitir que praticassem em crânios já sem tecidos moles ou descarnados. Assim com a hipótese de treinar em crânios de animais, pois as evidências provenientes de França, o crânio de um javali e de um bovídeo com prováveis indícios de intervenção por trepanação, parecem indiciar tal. E o trepanado? As hipóteses são múltiplas e todas plausíveis. Poder-se-ia trepanar como profilaxia para cura das cefaleias, como processo para limpar uma zona de esquirolas de osso resultantes de trauma, para tratamento de epilepsias, como forma de diagnóstico de uma qualquer inflamação das meninges, tratamentos de hematomas, descompressão do tecido craniano, remoção de tumores, sujeitos com propensão a psicoses alucinogénias. Talvez a hipótese mais plausível.

Intervenções cirúrgicas complicadas no crânio humano ou manifestações religiosas?

Programa:

- A cirurgia na Pré-História (trepanações, amputações, traumatismos);
- A experimentação em animais;
- Cuidados paliativos;
- As tatuagens de Ötzi e sua “bolsa farmacêutica”;
- A tatuagem como paliativo;
- Os traumas de origem violenta;
- O papel do simbólico e do ritual como instrumento de cura
- Bibliografia em português



Crânio de Vale Covo (Cadaval) – Intervenção coordenado por Manuel Heleno nos anos 40, do séc. XX (em depósito no Museu Nacional de Arqueologia). Os entalhes da lâmina de sílex têm correspondência perfeita aos sulcos presentes na calote craniana. Na altura da descoberta, a mesma lâmina de sílex, estava depositada numa “*prateleira natural*” (Heleno, 1943), numa das paredes do interior da gruta, em conjunto com o crânio, um furador de osso e um fragmento de cerâmica. Foto Carlos Didelet

